

## NO PALCO DA VIDA, A COREOGRAFIA DA (RE)EXISTÊNCIA

Jéssica França de Oliveira<sup>1</sup>

DOI: <https://doi.org/10.34019/1983-8379.2023.v16.42379>

BEI, Aline. *Pequena coreografia do adeus*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

Lançado pela Companhia das Letras em 2021, *Pequena coreografia do adeus* é o mais recente romance publicado pela paulistana Aline Bei, o qual foi finalista dos prêmios Jabuti e São Paulo de Literatura de 2022. Nele, a autora nos presenteia novamente com sua escrita distintiva e poética que a consagrou em seu romance de estreia, *O peso do pássaro morto* (2017).

A vigente obra se destaca por uma prosa que transcorre para além das palavras, com imagens e metáforas poderosas e evocativas, criando um mundo sensorial que o leitor deve apreciar em doses homeopáticas, como a dar tempo para que as palavras dançam, delicadamente, em nosso âmago, levando-nos a refletir sobre a vida, o amor e a morte, em profundidade.

A linha narrativa traçada por Bei, imbuída de estética e beleza, desafia categorizações convencionais entre prosa e poesia, levando-nos a questionar se estamos diante de uma prosa poética ou da poesia que se manifesta em prosa. Nessa conjuntura, nossa atenção deve ser dirigida com especial cuidado às entrelinhas do texto, nas quais as palavras, sejam elas em maiúsculas, minúsculas, repetidas ou cuidadosamente dispostas nos recônditos das páginas, revelam significados submersos. Nada é fruto do acaso nessa intrincada tapeçaria textual. Cada elemento é orquestrado com precisão, com o propósito de enriquecer a experiência do leitor e desvelar os segredos que residem nas decorrências da narrativa.

Desde a infância, a protagonista, Julia Terra, é confrontada pelas sombras dos afetos, esforçando-se para reunir os fragmentos que serão responsáveis por moldar sua própria personalidade. O amor paterno, inconstante como uma corda bamba, e o amor materno, profundamente nocivo, delineiam o cenário emocional que permeia sua existência. O doloroso caminho percorrido pela personagem é tão intenso que, em diversas ocasiões, uma única página da narrativa é suficiente para que a dor retratada ali se instale em nosso interior, perdurando por dias a fio. Ao longo da minha leitura, emergia, então, a incerteza: essa dor pertencia exclusivamente a mim ou pertencia apenas à Júlia Terra?

Essa profunda reflexão nos convoca a uma exploração das interseções das experiências humanas, destacando a maneira como as palavras revelam a universalidade das emoções humanas, bem como a maneira pela qual a história de um personagem pode reverberar em

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Estudos Literários (UFJF), Brasil. Mestra em Crítica da Cultura e Teoria Literária (UFSJ), Brasil. Graduada em Letras (UFRRJ), Brasil. Professora Efetiva - PMBM (2017-Atual). Professora Substituta - UFRRJ (2022-2023). E-mail: [jessica.franoli@gmail.com](mailto:jessica.franoli@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5460-207X>.

nossas próprias vidas. Esse processo nos desafia a mapear os limites da identificação e da empatia, conduzindo-nos simultaneamente a uma jornada de introspecção e autoconhecimento.

No contexto da narrativa, Júlia anseia por fugir, ainda que por momentos fugazes, de toda essa ausência afetiva que permeia sua vida. Deseja experimentar alguma coisa que tenha início e fim bem definidos, oferecendo-lhe um interlúdio para respirar e (r)existir: “[...] gostaria de me transformar em uma música, porque além de bonita ela desaparece quando alguém desliga. [...] prefiro mesmo ser a música, esse negócio de sumir por um tempo deve ser o máximo” (Bei, 2021, p. 26). O desejo profundo de Júlia por interrupção, por encontrar um momento de pausa e controle, estabelece um fio de ligação à harmonia da música e à fluidez da dança, permitindo-nos adentrar em sua busca por domínio sobre seus sentimentos e circunstâncias, desafiando-nos a compreender as nuances do sofrimento humano, da identificação e da busca por redenção e afeto.

Conviver com um pai bastante ausente, sempre direcionando seu afeto efêmero a outras mulheres, torna a protagonista invisível para si mesma: “eu sentia o amor escorrer pelos meus dedos [...], meu pai [...] foi se transformando aos poucos / no sujeito que eu encontrava por acaso na rua / de braços dados com uma mulher [...]” (Bei, 2021, p. 69). Por outro lado, embora a mãe fosse constantemente presente, sua existência era vazia e fria, negando à filha o calor de um abraço, a ternura de um carinho, uma palavra de afeto e consolo: “minha mãe nunca me olhou daquele jeito, ela não tinha orgulho de mim” (Bei, 2021, p. 217). Dessa forma, a sombra na qual a protagonista se transfigurou a acompanhou ao longo de toda a sua caminhada.

Ao enfrentar a necessidade de se mover através desses estilhaços do passado, Júlia se empenha na tarefa árdua de traçar novos percursos em sua vida adulta. Para tanto, foi preciso deixar para trás fragmentos de sua própria identidade, a fim de forjar uma versão renovada de si mesma. Era necessário quebrar o ciclo de um amor paterno fugidio e de um amor materno repleto de violência, cujas sementes haviam depositado uma pedra pesada em seu coração. Essa pedra, entretanto, não permanecerá imutável; ela será meticulosamente lapidada pela ternura de indivíduos notavelmente distintos entre si, mas que, ao longo do tempo, construirão amizades essenciais para o crescimento da personagem em sua jornada pela vida.

Conhecer essas pessoas em profundidade levou Júlia a uma reflexão significativa:

[...] por que será que os estranhos sempre nos pesam menos?  
talvez por serem terra desconhecida, é o que abre espaço para a nossa  
imaginação.  
fulano deve ser ótimo, pensamos  
e as respostas ficam em suspenso  
amamos a possibilidade  
de a pessoa ser exatamente aquilo que projetamos nela. (Bei, 2021, p. 176)

Por meio desse questionamento, ela percebe o quão tentador é mantermos vínculos com aqueles cujas sombras não conhecemos em profundidade, permitindo-nos idealizá-los enquanto seres perfeitos. Contudo, essa abordagem tem suas limitações. Apesar de ser um processo doloroso, confrontar nossas próprias expectativas e limitações é um passo necessário. Assim,

somente quando compreende que todos os seres humanos são intrinsecamente imperfeitos, e que, mesmo com essas falhas, merecem amor, é que Júlia não apenas passa a entender os outros em sua imperfeição, mas também a si mesma. Através dessa jornada de autodescoberta, Júlia começa a cultivar um amor-próprio sólido e genuíno. Ela abraça seus próprios defeitos, não como fraquezas, mas como parte intrínseca de sua humanidade. Com essa aceitação, a personagem não apenas se liberta das amarras do passado, mas também emerge como uma versão mais autêntica e compassiva de si mesma. É nesse espaço de encontros e desencontros que Júlia embarca em um processo de metamorfose, de trans(formação). Ademais, a perda repentina do pai é um evento traumático que força a personagem a confrontar seus próprios traumas. No entanto, esse momento também representa o início do processo de cura para ela: “àquela altura a única coisa que eu cultivava / era a Saudade / e também uma sede / de vida, já que na última vez que vi o meu pai ele estava correndo atrás dos / seus sonhos, tentando algo novo, e eu gostaria de fazer o mesmo por mim” (Bei, 2021, p. 246). Nesse movimento, Júlia reconhece o poder redentor da escrita, vendo-a como uma ferramenta poderosa para expressar suas vivências e ser reconhecida em sua singularidade: “contei / num sussurro: acho que / tem uma escritora aqui, dentro de mim” (Bei, 2021, p. 259) A escrita, então, assume o papel de uma redenção que liberta a protagonista dessas so(m)bras, colocando-a no centro do palco da vida, onde ela ensaia sua própria coreografia.

Nessa trajetória literária, Júlia Terra encarna não apenas a luta individual por autoconhecimento e superação, mas também representa uma busca universal pela transformação pessoal e pela reconciliação com as sombras do passado. Dançando com as palavras, ela descobre a força e a capacidade de ressurgir, enfrentando a escuridão que a envolveu por tanto tempo. Essa coreografia interior é capaz de tirar para dançar a sua fome e ânsia por viver.

Portanto, mais uma vez, Aline Bei demonstra maestria em conduzir o leitor por uma jornada reflexiva sobre as nuances da experiência humana. Neste sentido, *Pequena coreografia do adeus* merece ser lido não apenas pela sua habilidade técnica e estilística, mas também pela sua capacidade de tocar a essência humana e de nos lembrar da nossa própria jornada de redenção e crescimento. Além disso, o livro ressalta o talento notável de uma escritora brasileira contemporânea, enfatizando a necessidade de ampliarmos o espaço para que sua voz – e a de tantas outras mulheres – possa ocupar cada vez mais o atual cenário literário.

**Data de submissão:** 02/10/2023

**Data de aceite:** 16/11/2023